

# A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922; os 100 mapas mais influentes

**Paulo Knauss**

*Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e Diretor-Geral do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, coautor de Brasil: uma cartografia (Casa da Palavra, 2011).*

*Resenha de GUEDES, Max Justo. A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922; os 100 mapas mais influentes; prefácio: Pedro Corrêa do Lago. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.*

O lançamento deste novo livro sobre a história da cartografia brasileira deve ser celebrado. O livro é resultado do último projeto de pesquisa de Max Justo Guedes, o almirante que se tornou o mais importante estudioso brasileiro da história da cartografia. Mas, com sua passagem no fim do ano de 2011, a publicação de *A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922* se torna também uma justa homenagem à memória do autor, aliás, o que é ressaltado no prefácio de Pedro Corrêa do Lago, que como editor divide com os leitores a história do livro. Pelos anos dedicados ao estudo da história naval e da cartografia e tendo se destacado por quase trinta anos como diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha e depois como vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Almirante Max Justo Guedes se tornou uma das personalidades mais conhecidas da pesquisa histórica no Brasil. No momento em que o meio acadêmico convive com sua falta, é de se felicitar a publicação desta obra de referência sobre a cartografia do Brasil, destinada a compor a bibliografia básica do campo. A edição de bom acabamento gráfico garante a longevidade da obra. Não há como negar que, diante da efemeridade da vida, os livros perpetuam a presença de seus autores.

*A cartografia impressa do Brasil* surge num momento em que o mercado editorial tem valorizado o universo da cartografia como objeto de estudo, contribuindo para a difusão de coleções e para a promoção do estudo da história da cartografia, investindo na reprodução de mapas com apelo visual e boa leitura. Foi-se o tempo de Jaime Cortesão, cujos livros sobre a cartografia brasileira não tiveram a sorte de vir acompanhados de belas imagens cartográficas pela limitação da indústria editorial de seu tempo. Cabe destacar que este novo livro de Max Justo se insere, ao mesmo tempo, numa longa tradição de estudo e num movimento recente de valorização da cartografia brasileira, construindo pontes entre gerações.

Contudo, o que marca a originalidade da pesquisa do livro é provocar o debate sobre os 100 mapas mais influentes produzidos entre o século XVI e início do século XX. Todo trabalho de história da cartografia passa por uma seleção de mapas, mas a ousadia de defini-los pela sua influência só poderia ser realizada por um autor com as credenciais de Max Justo Guedes. No livro, a influência de cada mapa é tratada nos comentários que acompanham a sua imagem. O comentário sobre os mapas selecionados tem como sentido apresentar de modo curto



a história do mapa e chamar atenção para suas particularidades e destacar sua influência. Assim, além das referências, surgem anotações informativas sobre seus autores, as condições de publicação, anotações sobre a evolução da técnica cartográfica e do avanço na precisão do conhecimento da terra e sua geografia, dados sobre a escola cartográfica, além de demarcar os usos sociais de suas informações ou da carta.

O tratamento da questão central nem sempre é o mesmo, pois apenas em poucos casos a influência é diretamente mencionada. Destaca-se o caso do mapa em que se representa a terra do Brasil em *Universalis Cosmographia*, do ano de 1507, de autoria de Martin Waldseemüller, considerado como "provavelmente o mapa mais influente de todos os tempos", uma vez que resultou na primeira vez em que se inscreveu o nome *América* para designar o Novo Mundo, o que se generalizou ao longo dos séculos. Outro exemplo é o caso de *Terra Nova*, de 1522, considerado influente por ilustrar figurativamente num mapa, pela primeira vez, uma cena de canibalismo para caracterizar o continente do Novo Mundo. O ineditismo inaugural se destaca, então, como o principal critério da influência dos mapas.

Na maioria dos exemplos cartográficos apresentados na coletânea, porém, não há menção direta à influência do mapa. De um modo geral, a partir do comentário ao mapa, o leitor deve por conta própria deduzir a influência exercida por cada mapa, considerando que o termo de mapa influente é bastante largo e indica sobretudo aspectos que fazem o mapa ter algum destaque ou importância histórica. Assim, fica evidente que a sua influência deriva de suas relações com outros, apontando para a contribuição de uma carta em relação às anteriores em termos de precisão descritiva. Momentos do progresso técnico da cartografia moderna também são demarcados, como no caso de *Nova et aucta orbis terrae*, de Gerardus Mercator, com data de 1569, caracterizada como "revolucionária" para a navegação marítima, por permitir traçar rumos de modo mais adequado. O seu contraponto são os mapas que inscrevem equívocos que apontam para o fato de que o conhecimento

da terra ainda era restrito, como no exemplo de *Americae novissima descriptio*, de Joost de Hondt, do ano de 1602, em que o Amazonas e o Maranhão apareciam como dois rios paralelos. Há casos em que o comentário ao mapa ressalta o aprofundamento do conhecimento pelo registro detalhado de dados, como no exemplo de *El gran rio Marañon*, o Amazonas, de Samuel Fritz, de 1707, em que consta "extensa descrição do curso do rio e informações sobre as missões da Companhia de Jesus". Igualmente se destaca nos comentários a raridade de exemplares do mapa, como no caso de *Nova totius terrarum descriptio*, de Abraham Ortelius, publicado em 1564, que atualmente só é conhecido por uma única cópia, existente na biblioteca suíça da Universidade de Basileia. Os usos sociais são outro quesito destacado pelos comentários aos mapas e que apontam para sua influência. Assim, por exemplo, o mapa *Nouvelle carte de l'Amérique Méridionale*, de Adrien Hubert Brué, publicado em 1834, é valorizado pelos fatos de Barão do Rio Branco ter feito uso para discutir os limites entre o Brasil e a Guiana francesa, e Joaquim Nabuco no processo de definição dos limites com a Guiana inglesa.

O que se traduz na avaliação de cada mapa apresentado no livro é a definição do próprio objeto cartográfico. De um lado, os mapas do Brasil podem ser definidos como instrumentos objetivos que traduzem o processo de reconhecimento descritivo do território nacional. Servem assim para localizar sítios, descrever a topografia, situar bacias hidrográficas, indicar os limites de fronteira nacional. Nesse sentido, caracterizam-se como peças informativas, e cuja clareza descritiva, além da leitura técnica especializada, também permite um nível de leitura acessível aos não iniciados na linguagem da cartografia. Há algo de lúdico em comparar as informações que constam nos mapas, o que permite reconhecer o aprofundamento do conhecimento do território e a evolução da técnica cartográfica.

Ao mesmo tempo, porém, os mapas do Brasil se afirmam como bens simbólicos que representam o Estado nacional e projetam uma certa imagem da nação. Não sem razão, em grandes eventos, a apresentação

da carta nacional se tornou um ato simbólico significativo, tal como se acompanha nos comentários anotados no livro. Nesse sentido, é que se compreende por que as comemorações do centenário da Independência do Brasil, em 1922, foram acompanhadas pelo lançamento da *Carta Geographica do Brasil*, editada pelo Clube de Engenharia. Do mesmo modo, em 1908, durante a celebração dos 100 anos da abertura dos portos, o governo federal apresentou o *Mappa Geral da República dos Estados Unidos do Brasil*, assim como a *Carta Geral do Império do Brasil* integrou a representação do Brasil na Exposição Internacional da Filadélfia de 1876. Desse modo, é comum que os mapas nacionais sejam menos percebidos pelos seus detalhes informativos de tom enciclopédico do que pelo fato de que sua presença conduz a um olhar de admiração e veneração diante da unidade e da integridade geográfica do país. Nesse processo, ocorre uma naturalização do território nacional, como se a neutralidade espacial antecipasse a construção da nação – o que só é possível pela mediação da linguagem técnica da cartografia. Dito de outro modo, os mapas nacionais encarnam a nação, e, por isso, não há cidadão que não se conforte diante da imagem do seu país plena na imagem cartográfica.

Portanto, a leitura de *A cartografia impressa do Brasil* ressalta essa dupla dimensão dos mapas como obras de referência de conhecimento e como bens simbólicos. Trata-se de rica coletânea de mapas que expõem como a terra do Brasil foi representada na cartografia desde o século XVI até o início do século XX. O compromisso de apresentar os *100 mapas mais influentes* do Brasil situa os mapas como parte do processo de construção de conhecimento da geografia do Brasil, ao mesmo tempo que seus usos apontam para o fato de que os mapas ganham vida e se afirmam como atores sociais em determinados contextos ao se definirem como emblemas que representam a nação. Disso resulta a ideia de que os mapas são capazes de influenciar as relações sociais, dando contornos sociais à terra do Brasil, seja pela sua capacidade de traduzir o conhecimento da geografia, seja pelo fato de que como símbolos

contribuem para fazer da geografia motivo de fortalecimento do corpo social.

Um aspecto feliz da edição deste livro e que cabe ser ressaltado é o tratamento gráfico dos mapas reunidos. Além das qualidades da reprodução cuidadosa, o projeto gráfico se favorece também pela imagem do mapa ser tratada sempre de modo duplo. Na página junto ao comentário, em tamanho menor, se apresenta uma mirada geral que permite compreender melhor a dimensão editorial da publicação do mapa de época, enquanto na página ao lado se coloca uma imagem ampliada e aproximada que permite observar mais de perto suas inscrições. Em alguns poucos casos especiais, em folhas subsequentes, o mapa é apresentado em perspectiva maior de página dupla, como no caso do famoso mapa *Brasil* de Ramuzio, publicado em livro datado de 1556. Ao lado do bom projeto gráfico, a leitura das imagens se favorece ainda pela alta qualidade da impressão.

Por fim, cabe acrescentar o fato de que o recorte da pesquisa se concentrou nos mapas impressos. O critério que implica na caracterização do suporte da informação cartográfica dá a essa coletânea um caráter ímpar, que a distingue no tratamento e no conteúdo. Isso justifica que mapas manuscritos famosos da cartografia do descobrimento do Brasil não estejam incluídos no livro. Por outro lado, a opção chama a atenção para o fato de que existe uma história da cartografia que se confunde com a história da gravura e da imprensa, que merece ser sublinhada. O texto de abertura procura justamente fornecer um quadro da história da cartografia antes da imprensa, cuja origem coincide com a época do descobrimento do Brasil. A história das conexões da imprensa e da era das grandes navegações, mesmo não sistematizada em um texto de referência, surgem nos comentários aos mapas selecionados. De todo modo, a inspiração do autor aponta para um horizonte de renovação da pesquisa sobre a história da cartografia, aproximando os mapas da história editorial e gráfica. É uma chave para a obra de um autor que no auge da sua carreira ainda se abria para novas miradas para a história da cartografia.

